



HISTORICIDADE E REVELAÇÃO: BREVES APONTAMENTOS DE UMA RELAÇÃO

Guilherme de Figueiredo Cavalheri¹, Reginaldo Von Zuben²

RESUMO: Quando pensamos na ideia de revelação, não é possível dissociá-la de outros conceitos, como *história*, *temporalidade*, *universalidade*, entre outros. Ao tratarmos a respeito da revelação de Deus ao ser humano, temos em mente um determinado conceito de tempo, espaço e meios para interpretar essa revelação dentro de uma temporalidade definida. Durante séculos a teologia cristã pensou a revelação a partir de um conceito histórico e temporal específicos, que inclusive se perpetuaram no pensamento ocidental mesmo com o advento da modernidade e do iluminismo. No entanto, tais conceitos se modificaram no decorrer do desenvolvimento da filosofia e, conseqüentemente, da própria ciência de modo geral. A ideia de uma revelação de Deus na história humana, como fruto desse desenvolvimento teórico, também é alvo de mudanças e quebras de paradigma. Diante desse cenário mutante da ciência histórica, e da modernidade de forma geral, a teologia também se desenvolve. Dada a impossibilidade de pensarmos a teologia fora do diálogo com esse cenário de mudanças (seja para fins de aproximação ou de crítica), analisamos como a revelação de Deus na história e no tempo é pensada a partir das transformações do conceito de história ao longo do tempo. De que forma o conceito de *história*, e o exercício historiográfico que o constitui e o fundamenta, podem alterar as concepções de apreensão da revelação de Deus, bem como os esforços de conciliação por parte da teologia entre campos atualmente tão contrastantes. Nosso objetivo é compreender em que níveis ocorrem o diálogo, as interações e as rupturas entre a historiografia e a teologia, no esforço desta para a compreensão cristã da história e na tensão que há entre revelação e historicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Escatologia; Filosofia da História; Hermenêutica; Historiografia; Teologia da Revelação.

1 INTRODUÇÃO

A ideia de uma *história universal* tem forte influência cristã, e para a teologia esta possui uma lógica pertinente. Para os cristãos, a história não volta seus olhos ao passado, com o fim de compreendê-lo. Para o cristianismo, o passado é o local da profecia, da promessa. Ele é utilizado como mola propulsora ao destino final, à salvação. Os fatos são observados e deles se extraem as interpretações que revelam a ação de Deus na vida humana. Logo, a vontade de Deus deveria ser decifrada entre os eventos históricos. Os personagens e fatos confeririam sentido ao futuro, à plenitude desse tempo em marcha: a salvação. Mesmo com a secularização do pensamento ocidental, no final da Idade Média, a história, perdendo seu sentido “teológico”, manteve seu sentido “teleológico”. A partir de então, não era Deus o centro da revelação, mas a Razão, como força libertadora e utópica que caminharía para a plenitude da realização humana. A história mantinha seu *télos*: a construção de uma sociedade universalizada, fraterna e próspera. Surgem assim as *Filosofias da História*, que buscavam sistematizar o caráter imutável, supremo e transcendente da história feita sob essa base universalista, racionalista e utópica. No século XIX esse edifício racionalista começa a ruir lentamente. A partir de uma nova concepção de tempo e do questionamento feito sobre a validade e eficiência desse projeto ilustrado de modernidade. Novas interpretações históricas surgiram como contra censo ao universalismo cristão-iluminista. O historicismo e o desenvolvimento da história-científica preparam o fim do sentido transcendente da história. A história passa a ser vista não como uma marcha no tempo, uniforme, cujo alvo é um fim comum aos seres humanos: essa marcha é tortuosa, cheia de convulsões e contradições. A subjetividade do observador torna-se um critério crucial à busca de uma “verdade histórica”. O “sentido histórico” será pulverizado em um sem-número de possibilidades, inaugurando o fim da *era das grandes narrativas*. A partir do século XX surge um conceito de *tempo e história* totalmente fragmentado e subjetivo. O fato não é mais analisado como algo fechado no tempo e observado pelo historiador tal como foi. A hermenêutica histórica é inaugurada como método que desdobra o passado em múltiplas construções e interpretações, que não dialogam, mas que se constroem paralelamente. Postas estas questões, temos como diretrizes da pesquisa as seguintes questões: como pensarmos a ideia de uma revelação de Deus na história diante das vicissitudes que o próprio conceito sofre diante das mudanças de paradigma dentro da própria historiografia? Como encontrar a objetividade da revelação a partir das novas metodologias de análise histórica, cada vez mais subjetivas e fragmentadas? Como pensarmos a revelação como o ápice de um processo teleológico/escatológico, como a tradição teológica a interpreta, se a própria ideia de *história teleológica* tem

¹ Acadêmico do curso de Teologia da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente – FATIPI, São Paulo-SP. Bolsista PIC- UniCesumar. gfc.pessoal@gmail.com

² Professor mestre, orientador da pesquisa. Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente – FATIPI. revonzuben@yahoo.com.br



sido duramente combatida pelas novas gerações de historiadores? Em última instância, como a teologia contemporânea dialoga com estes novos desafios enfrentados pela ciência histórica?

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para o presente trabalho será realizada uma análise da bibliografia pertinente aos temas abordados, em concordância com as exigências do referido tema. O resultado desse levantamento será o cruzamento entre conceitos de diferentes autores da teologia e da teoria da história, que resultem em um denominador comum que será a base para a elaboração da redação final.

3 RESULTADOS ESPERADOS E DISCUSSÕES

Na primeira parte, será trabalhado o conceito de *revelação*. Qual o seu significado e como ele tem sido compreendido no pensamento teológico. Em primeiro lugar, serão expostas as definições gerais do conceito *revelação*, a fim de se abrir o tema com as delimitações pertinentes à experiência religiosa em geral. A partir daí o texto se seguirá com a ideia de revelação aplicada ao Deus bíblico e suas especificidades. Nesse momento, o cerne da reflexão está em demonstrar os centros de revelação de Deus identificados na tradição bíblica. Na segunda parte, será apresentado o conceito de história. Os usos e métodos do trabalho historiográfico serão explorados com o fim de levantarem alguns questões, a serem trabalhadas na terceira parte e na conclusão do artigo: como pensar a revelação de Deus na história diante das imensas possibilidades de interpretação e reelaboração do passado por meio da historiografia? Como, por meio de uma concepção pós-moderna de história, na qual o passado nunca é algo definitivo e encerrado, podemos apreender a revelação de Deus? Pode haver revelação divina quando a concretude do passado não é um dado absoluto? É possível falarmos de uma *historicidade da revelação divina*? Na terceira e última parte serão amarradas as questões levantadas nas etapas anteriores. Utilizando, sobretudo, as análises de Paul Tillich e Renold J. Blank a respeito da revelação, será construído o argumento em favor de uma evidência da revelação de Deus na história, mesmo sendo essa história tão dinâmica e imprevisível. Primeiramente será colocada a proposta de Tillich a respeito da impossibilidade dessa historicidade da revelação, vista pelo autor como uma experiência sumariamente existencial e subjetiva, não cabendo ao historiador a competência de compreender como Deus se revela em meio às narrativas históricas. Em seguida tal proposta será colocada em diálogo com as ideias de Renold Blank, que através de sua abordagem defende a possibilidade de se apreender a revelação historicamente, valendo-se de ferramentas bíblicas para se identificar a ação de Deus na história, à exemplo da compreensão e interpretação da história à luz da fé na tradição bíblica. Para Blank, as vicissitudes da história e sua veracidade relativa são meios de se apreender, a cada nova situação histórica, novas interpretações da ação de Deus no passado; à exemplo de como a tradição dos textos bíblicos reelaboraram a história do povo hebreu e a partir de novos dados e enfoques, enxergaram as disparidades das diferentes tradições como novos meios de Deus falar à seu povo em diferentes momentos e sob diferentes olhares.

REFERÊNCIAS

BLANK, Renold J. *Deus na História: Centros Temáticos da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 2005.

BOURDÉ, Guy; HERVÉ, Marin. *As Escolas Históricas*. Portugal: Europa-America, s.d.

CULLMANN, Oscar. *Cristo e o Tempo: Tempo e história no cristianismo primitivo*. São Paulo:

DOSSE, François. *A História*. Bauru: Edusc, 2003.
Editora Custom, 2003.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FORTE, Bruno. *Teologia da História: Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 1995.

GIBELLINI, Rosino. *Breve História da Teologia do Século XX*. Aparecida: Editora Santuário, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.



LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da Revelação a Partir da Modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MOLTMANN, Jurgen. *Ciência e Sabedoria: Um diálogo entre ciência natural e teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática Vol.1*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2009.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar a Revelação*. São Paulo: Paulinas, 2009

REIS, José Carlos. *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RICOEUR, Paul (org). *As Culturas do Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1975.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005